

COMO CITAR ESTE ARTIGO: BONFIM, M. A. L. Mística e identidade Sem Terra: uma análise de discurso crítica multimodal no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Revista Colineares**, Mossoró, v. 05, n. 02, p. 33-49, Jul/Dez, 2018.

MÍSTICA E IDENTIDADE SEM TERRA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA MULTIMODAL NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

MYSTIC AND LANDLESS IDENTITY: AN ANALYSIS OF MULTIMODAL CRITICAL DISCOURSE ON THE MOVEMENT OF RURAL WORKERS WITHOUT EARTH

Marco Antonio Lima do Bonfim¹³

RESUMO:

Este artigo investigou a constituição da identidade Sem Terra em uma das místicas realizadas pelos/as Sem Terra do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – as místicas podem ser caracterizadas como um tipo de ritual teatral que os/as Sem Terra realizam cotidianamente nos seus acampamentos e assentamentos com o intuito de fortalecer a luta pela terra e pela transformação social no Brasil. Especificamente, analisei a mística violência no campo – realizada em um Curso de Formação na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) – procurando entender como os elementos linguístico-discursivos se relacionam com os componentes semióticos na construção identitária dos/das Sem Terra do MST. Para tanto, utilizei uma abordagem de Análise de Discurso Textualmente Orientada, Fairclough (trad, 2001, 2003), Chouliaraki & Fairclough (1999), Magalhães (2004, 2005), combinada com a proposta de Gramática do Design Visual elaborada por Kress e van Leeuwen (1996). Percebi que o discurso multimodal da mística do MST é composto por elementos discursivos (escolhas lexicais dos/as Sem Terra) e imagéticos (textos multimodais) que se imbricam dialeticamente numa relação de internalização/articulação na prática social da mística e que, através desse mesmo discurso, o referido movimento social constrói um estilo de ser Sem Terra numa relação conflitante com a identidade hegemônica dos/as Sem Terras inculcada na maioria dos brasileiros/as por meio das mídias que se posicionam contra a reforma agrária no Brasil.

Palavras-chave: Análise de Discurso Crítica multimodal. Identidade Sem Terra. Mística. MST.

¹³ Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, membro do Grupo de Pesquisa Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade vinculado ao PosLA/UECE e professor colaborador do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras da mesma instituição, campus Quixadá- Ce, orientando trabalhos na linha de pesquisa Gênero, Raça e Identidades. E-mail: marcoamando@yahoo.com.br.

ABSTRACT:

This article investigated the constitution of the Landless identity in one of the mystics performed by the Landless Workers Movement (MST) - the mystics can be characterized as a kind of theatrical ritual that the Landless perform daily in their encampments and settlements in order to strengthen the struggle for land and social transformation in Brazil. Specifically, I analyzed the mystical violence in the field - conducted in a Training Course at the National School Florestan Fernandes (ENFF) - trying to understand how the linguistic-discursive elements are related to the semiotic components in the identity construction of the MST Landless. For that, I used a Speech-Based Discourse Analysis approach, Fairclough (trad, 2001, 2003), Chouliaraki & Fairclough (1999), Magellan (2004, 2005) combined with the proposed Visual Design Grammar developed by Kress and van Leeuwen (1996). I realized that the multimodal discourse of the MST mystique is composed of discursive elements (lexical choices of the Landless) and imaginary (multimodal texts) that interrelate dialectically in an internalization / articulation relation in the social practice of mysticism, and that through this same discourse the said social movement builds a style of being Landless in a relationship conflicting with the hegemonic identity of the Landless people inculcated in the majority of Brazilians through the media that stand against agrarian reform in Brazil.

Keywords: Multimodal Critical Discourse Analysis. Landless Identity. Mystic. MST.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo dialoga com a chamada Teoria Crítica do Discurso (MAGALHÃES, 2004), abordagem da linguagem que tem contribuído para a realização de análises da vida social de forma transdisciplinar, operacionalizando conceitos de outras disciplinas como a Ciência Social Crítica, por exemplo, sem se reduzir a nenhuma área específica de estudo. Tal iniciativa tem rompido os muros de uma Linguística fechada em si mesma e comprometida com uma perspectiva de ciência positivista.

Seguindo, portanto, a abordagem de ADC (re)formulada pelo linguista britânico Norman Fairclough e a proposta da Gramática do Design Visual (GDV) elaborada por Kress e van Leeuwen (1996) que se caracteriza como uma forma de se analisar textos multimodais, “ou seja, textos que são produzidos a partir de mais de um modo representacional e comunicacional” (PINHEIRO, 2007, p. 27), investiguei, neste estudo, um tipo de ritual que os/as Sem Terra do MST¹⁴ realizam com o intuito de fortalecer a luta pela terra e pela transformação social – a mística¹⁵.

¹⁴ Esclareço que o termo *Sem Terra*, neste artigo, se opõe à expressão *sem-terra*. Enquanto *sem-terra* designa uma condição social destes/as trabalhadores rurais que estão sem (a) terra, o primeiro termo se relaciona à vivência da mística no MST, pois ao inserirem a mística na luta pela terra, os “Sem Terra” buscam se diferenciar de outros Movimentos de “sem-terra”. “Sem Terra” aqui não significa somente aquele/ a trabalhador /a rural que não tem terra para viver e trabalhar. “Sem Terra tornou-se nome próprio. Nome de trabalhadores organizados lutando pela Reforma Agrária e para transformar a sociedade” (MST, 2007, p. 33).

¹⁵ Maia (2008, p. 108), ao estudar a mística como um “processo educativo”, relata que “a mística é um ritual e existem vários momentos em que vozes, corpos e mentes se unem com o objetivo de realizá-la, no Assentamento [...] a apresentação da mística é mais do que uma apresentação teatral

Dessa forma, elaborei alguns questionamentos a respeito da relação entre o discurso multimodal da mística e a constituição identitária dos/as Sem Terra do MST – foco deste estudo – como: a) Como os/as camponeses/as do MST vivenciam a identidade de Sem Terra? b) Que elementos linguístico-discursivos contribuem para a constituição identitária dos/as Sem Terra? e c) Como os elementos imagéticos se relacionam com a dimensão discursiva na construção identitária dos/as Sem Terra?

A eleição deste objeto de estudo justifica-se pela importância de pesquisas discursivas que adotem um modelo integracionista (VAN LEEUWEN, 2005) de análise do social com o intuito de contribuir para a visibilização de sujeitos e suas táticas (DE CERTEAU, 2012) de sobrevivência, buscando assim consolidar a “agenda de pesquisa para a teoria crítica do discurso”, proposta por Magalhães (2004).

No que se refere à estruturação do artigo, esclareço que o mesmo está organizado em seis seções. Na primeira, farei um breve esboço das duas abordagens teórico-metodológicas utilizadas neste estudo e aponto as categorias de análise selecionadas. Na segunda, apresento o *corpus* analisado e o enquadre metodológico elaborado por Chouliaraki e Fairclough (1999) para a ADC, seguido da minha modificação para a realização de uma transcrição multimodal textualmente orientada da mística dos/as Sem Terra. Na terceira seção, inicio com a “análise da conjuntura”, da “prática particular” e de discurso começando pelo significado identificacional (FAIRCLOUGH, 2003), focalizando as escolhas lexicais constituintes das representações identitárias dos/as Sem Terra do MST.

Na quarta, situo o tema do agronegócio na sua relação com a violência no campo. Na quinta, descrevo a mística violência no campo com seus aspectos multimodais e, na sexta seção, analiso o modo como o discurso multimodal da mística do MST, através dos significados (identificacional, representacional, interativo e composicional) constrói identidades para os/as camponeses/as do MST.

Espero que este estudo, em conjunto com outras pesquisas acerca do tema identidade social a partir da ADC e das investigações sobre multimodalidade, possa contribuir para o desenvolvimento e a consolidação dos estudos discursivos-multimodais numa perspectiva crítica.

2 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

No que diz respeito à abordagem de ADC, proposta em Chouliaraki e Fairclough (1999) e a retomada desta em Fairclough (2003), Resende e Ramalho (2006, p. 60) comentam que o autor “[...] explica que o discurso figura de três principais maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos: como modos de agir [significado acional], como modos de representar [significado representacional] e como modos de ser [significado identificacional]”. No tocante a este último, as autoras afirmam tratar-se da construção e da negociação de identidades no discurso.

ou uma música qualquer. A mística é parte da vida deles [dos/as Sem Terra] e é tão importante que a organizam como um elemento de integração do MST”.

Magalhães (2004) se refere à ADC, destacando que esta abordagem de análise de discurso crítica se diferencia de outras pelo fato de ser crítica (no sentido de intervir na sociedade) e por realizar uma “análise de discurso textualmente orientada”. Isto é, por entender as práticas sociais numa relação dialética com o discurso “envolvendo gêneros discursivos e a construção de sentidos nos textos...” (MAGALHÃES, 2004, p.113).

Ao realizar uma “análise do discurso publicitário” (MAGALHÃES, 2005), a referida pesquisadora, elenca algumas categorias de análise, como o vocabulário, intertextualidade e interdiscursividade, coesão, modalidade, entre outras. Dessa forma, para identificar os aspectos linguístico-discursivos, na construção das identidades dos/as Sem Terra do MST, utilizamos o significado identificacional com ênfase no vocabulário (escolhas lexicais).

Em relação à análise da interação dos aspectos discursivos e semióticos da mística dos Sem Terra, o trabalho de Kress e van Leeuwen (1996) é relevante no sentido de que os autores, baseados na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday, propõem um instrumento analítico crítico da composição imagética dos textos em seus contextos de uso. Tal instrumental se constitui a partir de três estruturas de representações básicas, a saber, significado representacional (descreve os participantes em ação), significado interativo (descreve as relações sócio-interacionais construídas pela imagem) e significado composicional (combina os outros dois significados em um todo coerente).

Assim, com base em uma abordagem de Análise de Discurso Textualmente Orientada aliada à proposta de estudos multimodais de Kress e van Leeuwen, proponho realizar uma transcrição multimodal textualmente orientada da mística dos/as Sem Terra.

3 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: TEORIA E MÉTODO

Em *Discourse in Late Modernity* (1999), Chouliaraki e Fairclough desenvolvem uma reflexão mais profunda com as ciências sociais críticas, especificamente com a epistemologia do Realismo crítico. Este diálogo transdisciplinar enriquece a ADC, pois, a partir dessa obra, o discurso passa a ser entendido como uma das dimensões da prática social. De acordo com a autora e o autor, “as dimensões de uma prática são articuladas numa dialética – cada uma interioriza as outras sem ser reduzida a elas. As práticas em si são articuladas em redes de práticas e suas características ‘internas’ são determinadas por estas relações ‘externas’ com outras práticas” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 38)¹⁶.

Dessa forma, discurso, nesta abordagem de ADC, é entendido como um elemento semiótico de práticas sociais, incluindo a linguagem (escrita e falada e em combinação com outros meios semióticos), a comunicação não-verbal (expressões faciais, movimentos corporais, gestos etc.) e textos imagéticos. Assim, podemos entender a mística dos/as Sem Terra do MST como uma prática social e o Discurso multimodal deste “ritual” como uma das dimensões desta prática, numa relação

¹⁶ Todas as traduções são de minha autoria.

dialética de “articulação” e “interiorização” de outros elementos semióticos deste Discurso (discurso, expressões corporais, músicas, gestos, crenças, etc.), entendendo que nenhum elemento se reduz ao outro e que este processo dialético é contínuo.

Em 2003, Fairclough retoma esta perspectiva de análise discursiva do social e juntamente com uma reelaboração da visão multifuncional apresentada por Halliday (1985) e sua própria proposta de 1992 (trad. 2001), propõe que “o discurso figura de três principais maneiras na prática social [...] como Gênero (modos de agir), Discursos (modos de representar) [e] Estilos (modos de ser)” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26). Vale lembrar que as três dimensões atuam em conjunto nas práticas sociais. “Gêneros, discursos e estilos são, na ordem, meios relativamente estáveis e duráveis de agir, representar e identificar. São tidos como elementos de ordens de discurso no nível da prática social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 28).

Para esta investigação, selecionei o significado identificacional que corresponde aos “modos de ser” no discurso, pois busquei compreender a constituição identitária dos/as Sem Terra a partir da mística. Isto é, quero saber como os/as Sem Terra se (auto)identificam textualmente através do discurso multimodal desta prática social. Tal investigação se torna viável, uma vez que “nas palavras de Fairclough (2003, p.17), [no significado identificacional] focalizam-se os ‘textos no processo de constituição de identidades sociais de participantes dos eventos nos quais eles são uma parte’” (COSTA, 2007, p. 44).

4 PASSOS METODOLÓGICOS

O *corpus* da pesquisa foi composto pela seleção de algumas cenas de uma mística do MST, realizada em um curso de formação na Escola Nacional Florestan Fernandes, no ano de 2008 e gravada em DVD¹⁷. A seleção foi feita através do programa de computador “Nero Show Time” segundo algumas das categorias propostas por Kress e van Leeuwen (1996) para análise de imagens, como textos imagéticos que retratam ações em andamento (“estruturas narrativas”), com “modalidade saturada”, e um alto grau de “valor de informação”. Em seguida efetuei a análise das cenas selecionadas adotando como aparato teórico-metodológico o enquadre de Chouliaraki e Fairclough (1999), que tem por base a epistemologia do Realismo crítico percebendo a vida social como um sistema aberto e estratificado em três estratos (“potencial”, “concreto” e “empírico”).

Foi a partir desta concepção de vida social que a autora e o autor desenvolvem um método capaz de dar conta da complexidade da relação entre estruturas, práticas e eventos sociais. De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), “a análise de discurso crítica começa com a percepção de algum problema relacionado ao discurso em determinada parte da vida social”. Este problema pode ser relacionado à própria prática social, à construção reflexiva desta,

¹⁷ Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), inaugurada em janeiro de 2005 no município de Guararema – SP e idealizada pelo MST, “trata-se de uma escola de capacitação técnica e de formação de trabalhadores rurais. Seu objetivo é proporcionar a jovens, mulheres e homens do meio rural [uma] educação voltada para a realidade do campo, tendo em vista a diversidade cultural do Brasil.”

ou ambas. Ou seja, em princípio, deve-se partir de um problema social, no caso desta análise, a construção da (auto)identidade dos/as Sem Terra através da mística realizada no/pelo MST.

Em seguida, deve-se levantar os “obstáculos a serem superados”. Nesta etapa, faz-se necessário situar o discurso em foco no tempo e espaço real, relacionando-o às suas “circunstâncias e processos de produção” e às suas “circunstâncias e processos de consumo”. Em suma, uma “análise da conjuntura” da qual o discurso focalizado é uma dimensão. Ainda nesta fase dos “obstáculos”, é fundamental realizar a “análise da prática particular ou práticas da(s) qual (quais) o discurso em foco é uma parte”.

Nesse momento da análise, o/a analista busca especificar as relações entre discurso e outras dimensões da prática social [atividade material, relações sociais e processos (relações sociais, poder, instituições); fenômeno mental (crenças, valores, desejos) e discurso]. Um dos interesses aqui é identificar as “interiorizações” entre os elementos da prática. Num terceiro momento (dentro desta segunda etapa), realiza-se a “análise de discurso” que é orientada em termos de estrutura e interação entre os elementos sociais de uma dada ordem do discurso¹⁸ e a relação desta com outros elementos da prática social.

Em termos de análise estrutural, o objetivo é especificar que recursos (gêneros, discursos e estilos) se articulam na ordem de discurso. Pois, “[...] o relacionamento entre o discurso e a rede social de uma ordem de discurso depende da natureza da prática social e da conjuntura de práticas sociais dentro da qual estão localizadas, e de como eles figuram dentro delas” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 63).

Por outro lado, na análise da interação, o foco está na análise interdiscursiva – em como o discurso trabalha estes “recursos” mencionados acima. Noutras palavras, focaliza-se a relação dos elementos linguísticos com outras semioses dos textos que os realizam.

A terceira etapa reside na “função do problema na prática”. Objetiva-se aqui enfatizar se e como o aspecto problemático do discurso estudado tem uma função particular dentro da prática. Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 65) “este estágio marca a mudança do ‘é’ para o ‘deve’ ser”.

Complementando a etapa anterior, a quarta fase caracteriza-se como as “possíveis maneiras de ultrapassar os obstáculos”. Isto é, trata-se de distinguir possíveis recursos para mudar o “atual estado de coisas”, pois, se já investigamos como relações estruturais explicam (análise da conjuntura) e são responsáveis pelo problema em questão (“funções do problema...”), a ênfase agora recai na diversidade, ou melhor, nas potencialidades das conjunturas para mudanças discursivas e sociais.

Por fim, toda “pesquisa social crítica deve ser reflexiva”. Portanto, ao final de qualquer análise de discurso crítica devemos refletir sobre a nossa própria prática teórica, relacionando-a às práticas de análise que são investigadas.

¹⁸ Podem ser consideradas como “facetas discursivas das ordens sociais, cuja articulação e rearticulação interna têm a mesma natureza” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99).

Apresentado o método proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), quero agora modificá-lo para a minha análise, tendo em vista o esclarecimento dos autores, no sentido de que “[...] o enquadre pode ser reduzido de várias maneiras para vários objetivos [...]” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, 59), e entendendo também que a ADC é uma área de estudo transdisciplinar.

Minha modificação tem por base a reelaboração de Fairclough (2003) no tocante ao significado identificacional e o trabalho de Kress e van Leeuwen (1996) a respeito da Gramática do Design Visual. Assim, no que se refere ao item “análise de discurso”, proponho substituir os itens “análise estrutural” e “análise interacional” pelo significado identificacional proposto por Fairclough no estudo já citado e pelas três estruturas de representações básicas do texto multimodal, a saber, significado representacional, interativo e composicional.

A necessidade de tais alterações reside em dois pontos. Primeiro, no fato de que o foco aqui é a textualização/representação discursiva acerca dos/as Sem Terra no discurso multimodal da mística no MST. O segundo motivo, reside na ausência de um instrumental analítico da composição imagética dos textos no enquadre apresentado, muito embora, Chouliaraki e Fairclough reconheçam o discurso como “semiose”, o que inclui o aspecto multimodal dos discursos na constituição de práticas sociais.

Desse modo, apresento o seguinte enquadre metodológico:

- 1) Um problema (atividade, reflexividade)
- 2) Obstáculos para serem superados
 - (a) análise da conjuntura
 - (b) análise da prática particular
 - (i) práticas relevantes
 - (ii) relações do discurso com outras práticas
 - (c) análise de discurso
 - (i) significado identificacional**
 - (ii) significado representacional**
 - (iii) significado interativo**
 - (iv) significado composicional**
- 3) função do problema na prática
- 4) Possíveis maneiras de ultrapassar os obstáculos
- 5) Reflexão sobre a análise

5 MST, MÍSTICA E IDENTIDADE SEM TERRA

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra completou, neste ano, 34 anos de existência, organizando os/as trabalhadores/as do campo e da cidade lutando por terra, reforma agrária e por mudanças sociais no Brasil. O MST surge em 1984 como um aglutinador de várias lutas pela terra que o antecederam, entre elas podemos elencar, a histórica luta dos índios e quilombolas pela terra, as ligas camponesas, a luta do Arraial de Canudos entre outras. Para Caldart (2004), o MST nasceu da articulação das lutas por terra retomadas a partir do final da década de 1970, em praticamente todo o país, especialmente na região Centro-Sul. Tais lutas

foram ganhando corpo em todo território nacional até a consolidação e articulação dos/as sem-terra a nível nacional.

Nesse processo de articulação, foi muito significativa a participação de parte da Igreja Católica e das pastorais rurais, através da Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹⁹ e da Igreja Luterana, no sentido de contribuir para a sensibilização dos camponeses sobre a necessidade de se organizarem para que assim pudessem lutar pelos seus direitos à terra. O MST é “um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores e trabalhadoras rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil” (MST-CE, 2009, p. 08).

Este movimento camponês promove, através de seus militantes, uma série de atividades ritualísticas e educativas que tem como um de seus objetivos o de sempre estar alimentando, no sem-terra, a vontade interminável de lutar. Os dirigentes do MST durante esses 35 anos de movimento foram entendendo que a unidade ideológica e a visão política de um movimento social é construída, em grande medida, através do “uso de símbolos, que vão costurando a identidade” (STÉDILE, 1999, p. 32).

Vários são os símbolos usados pelo MST, desde a bandeira, o hino, as canções e poemas sobre reforma agrária, o ato de lembrar os mártires (militantes que lutaram pela terra e deixaram todo um legado de luta) nas lutas sociais, até a consolidação destas práticas linguístico-culturais nas performances executadas nas místicas.

O termo *mística* é significado no MST como um tipo de ritual que os/as sem-terra realizam com o intuito de fortalecer a luta pela terra e pela transformação social. A mística cultivada no MST se configura, portanto, em um ato político-cultural desenvolvido por meio de diversos rituais através dos quais os/as trabalhadores/as rurais materializam as realidades vividas no contexto da luta pela terra.

Ela encontra no teatro a sua principal forma de manifestação entre os/as Sem Terra do MST e está atrelada também aos valores/princípios (solidariedade, companheirismo, indignação, união, disciplina, ternura, coerência etc.) propostos pelo MST no anseio da construção de um projeto popular para o Brasil.

A mística é fundamental no processo de formação da identidade Sem Terra. Caldart (2004) sustenta que “do ponto de vista da formação dos sem-terra, a reflexão sobre o sentido de vivenciar a mística no e do Movimento pode ser centrada em alguns dos aspectos identificados no processo de seu cultivo” (CALDART, 2004, p. 211). Para esta autora, a mística do MST se relaciona com três aspectos centrais: a) com a formação dos “valores humanos” que sustenta a escolha de continuar na luta; b) com o “cultivo da história” ou da “memória do povo” e c) com a experiência de “produção cultural”, no sentido de “auto-representação”, através de símbolos representando o que é “ser Sem Terra, ser do MST”.

¹⁹ “Organismo pastoral da Igreja Católica, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A CPT foi organizada em 1975, em Goiânia (GO), durante um encontro de bispos e agentes de pastoral, a partir de reflexões sobre a crescente onda de conflitos de terra que ocorriam nas regiões Norte e Centro-Oeste do País [...] Embora iniciada no Norte e no Centro-Oeste, estendeu suas atividades para quase todos os estados do Brasil. Atua em todas as dioceses em que há problemas de terra” (STÉDILE & FERNANDES, 1999, p. 19).

Percebe-se então, que o poder da mística advém das próprias experiências vivenciadas pelos/as Sem Terra nos mais variados espaços de que se apropriam, desde o enfrentamento contra os latifundiários e empresas multinacionais para ocuparem as terras, até o cotidiano vivido nos mais diversos assentamentos e acampamentos coordenados pelo MST.

A fim de apresentar como se dá esta relação entre a mística e produção da identidade Sem Terra, vejamos a descrição de uma mística que tratou do assassinato de um Sem Terra no município de Ocara (interior do Ceará), narrada pelo assentado Zé Wilson registrada em Bonfim (2011, p.14):

Eu [...] participei duma mística que foi [...] baseada [...] em fatos real. Como exemplo [...] assassinato de um companheiro [...] que a gente perdeu que era o companheiro “Denir” [...] Ai então, eu participei duma mística que foi uma encenação que foi feito e *aquilo ali me chamou muito a atenção [...] eu fiquei muito emocionado*, porque [...] a gente, fazemos a simulação [...] assim, como, tinha o pistoleiro, aí tinha os ocupantes da terra, aí tinha as famílias. Então, a gente criou aquele momento, e aí fizemos as arma [...] de pau inventado [...] Aí, compramos um fogo [fogos de artifício]. A gente foi fazer aquela encenação como que era bala de verdade. Então, na hora que bateu aquele papôco, assim do [...] fogo [...] a pessoa tava com um revólver de pau assim em punho, como se fosse a arma e ele atirando, sabe? Aí então, o companheiro caia lá no chão, como se ele fosse o “Denir”. Aí *naquele momento, eu me emocionei [...] tão, isso aí comove qualquer pessoa [...] Aí então foi cantado o [...] cântico [...] Era uma música [...] que retratava [...] a ocupação da terra e a morte. É assim: “Tanto sangue derramado, na luta pelo pedaço de chão/ quantas mães perde seus filhos/ sem explicação [...]”* Aí então, com essa música eu [...] me emocionei. Então, essa é a verdadeira mística, é você SENTIR ELA PERTO.

Quer dizer, a mística, este ritual recheado de símbolos, “um espírito que põe em funcionamento a ação e a força prática das idéias do MST” (MAIA, 2008, p.103-104) contribui - por meio do hino do MST, músicas, encenações, gestos, “palavras de ordem”, imagens - para a formação de um sujeito que se sente “Sem Terra”, que se identifica com a luta pela terra. Noutras palavras, é através da mística que os/as trabalhadores/as rurais sem terra “vão construindo a consciência e a identidade com a luta e com o Movimento, ou seja, vão se constituindo como **sem-terra**” (MORISSAWA, 2001, p. 205 - Grifo do autor).

Analisando esta mística sob a ótica da ADC, podemos dizer que ela “interioriza” outros elementos da vida social à prática vivenciada pelo agricultor Sem Terra Zé Wilson, sem se reduzir a ela, pois este movimento é dialético e contingente.

Vale ressaltar que este estudo toma como corpus uma mística que tematiza a violência no campo levada a cabo pelos dirigentes do agronegócio, nesse sentido, no que se segue apresento as relações entre o agronegócio como modelo de agricultura adotado no Brasil e a violência no campo.

A partir da década de 1990, o sistema capitalista brasileiro entrou numa nova fase - o neoliberalismo - defendendo o “livre acúmulo de capital” entre as empresas. Nesse sentido, várias empresas transnacionais começaram a se instalar em países que dispunham de altas taxas de juros, mão-de-obra barata e o mais importante, terras férteis. É aí que o Brasil passa a ser um dos países mais procurados por estas empresas que buscam o aumento contínuo de seus lucros.

Segundo o jornal “Brasil de Fato” (2007, p.1), “das 200 maiores empresas que atuam no Brasil, as maiores e mais lucrativas são controladas por bancos ou pelo capital internacional, como a Vale, a Petrobras, a Usiminas, o Banespa, entre outras”.²⁰ Ainda de acordo com o referido jornal, um dos objetivos dessas transnacionais “é controlar nossa agricultura e alimentos”. E estão fazendo isso comprando nossas terras e usinas para controlar a produção de etanol com o objetivo de exportar para seus países de origem. Ou seja, “o Brasil virou um paraíso das empresas transnacionais”.

É neste contexto que o MST levanta a bandeira da soberania alimentar, defendendo um modelo de agricultura familiar onde cada região e municípios do país possam produzir a quantidade necessária de alimentos para toda população sem a intervenção das empresas transnacionais.

Talvez por isso, tenha ocorrido tantas mortes no campo, pois, tais empresas transnacionais, em nome da acumulação desenfreada de capital, tem contratado pistoleiros para liquidarem os/as trabalhadores/as rurais sem terra. Como relata Nina Fideles no Jornal Sem Terra (2008, p. 4):

a violência do latifúndio tem se manifestado ao longo dos anos com suas diversas facetas. A presença das empresas transnacionais e a utilização cada vez mais freqüente de milícias armadas colocam novos elementos na luta pela reforma agrária. Desde 2005, foram mortos 18 companheiros do MST e 87 foram presos (JORNAL SEM TERRA, 2008, p. 4).

Assim sendo, podemos concluir que a violência no campo vivenciada pelos/as Sem Terra pode vir a ser interiorizada na prática da mística, pois tal ação violenta integra parte do cotidiano destes camponeses.

6 ANÁLISE DA PRÁTICA PARTICULAR

Nesta parte da análise, buscarei especificar as relações entre o discurso multimodal da mística e as outras dimensões desta prática social, lembrando que “práticas são [...] ‘maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos - matérias ou simbólicos - para agirem juntas no mundo’” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21 apud RESENDE; RAMALHO

²⁰ “O jornal ‘Brasil de fato’ foi lançado no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 25 de janeiro de 2003”. Caracteriza-se por ser um jornal semanal político, de circulação nacional produzido e coordenado por movimentos sociais como o MST, a Via Campesina, a Consulta Popular e as pastorais sociais, para contribuir ao debate de idéias e à análise dos fatos do ponto de vista da necessidade de mudanças sociais em nosso país.

2006, p. 35). Dessa forma, reporto-me às dimensões da prática social em análise, começando pelas “relações sociais e processos”.

Fairclough (2003) sustenta que textos figuram como parte dos eventos sociais. Isto é, os eventos são em parte discursivos e sendo assim, podemos dizer que os textos representam instituições e suas ideologias. Se aceitamos isso, podemos perceber no discurso multimodal do MST a representação da instituição (organização) MST com suas “diretrizes de atuação” (ideologias). E se estas formas de significação do social estabelecem, mantêm ou transformam as relações sociais entre os/as Sem Terra, podemos afirmar que existem relações de poder entre a organização social MST e os/as Sem Terra.

Outra dimensão a ser focalizada numa prática social, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), seria o “fenômeno mental”. Ou seja, as crenças, valores e desejos dos agentes envolvidos nesta prática - neste caso os/as Sem Terra que acreditam na realização da reforma agrária, lutando contra os latifundiários que se dizem ser os “donos destas terras”. Percebemos também neste discurso constitutivo da mística dos Sem Terra, a veiculação de valores, tanto os difundidos pelo MST (valores humanistas e socialistas) como os que são naturalizados hegemonicamente na sociedade brasileira, servindo para a manutenção de uma identidade que tem, em geral, a significação de sem-terra como “invasor”, “vagabundo”, “delinquente” etc.

Analisando a mística em destaque, percebemos que os/as Sem Terra interiorizam (taticamente) as representações que a mídia brasileira e os latifundiários constroem sobre as suas identidades (ver cena 1). E mais, estas representações interiorizadas entram em conflito com a identidade de Sem Terra que o MST tem ritualizado constantemente através da mística. Aqui adentramos no último dos momentos da mística, a saber, o discurso. Discurso enquanto maneiras particulares de representar partes do mundo. Nesse sentido, o discurso do MST difundido na mística representa a organização MST que sabe da importância deste ritual na constituição do “ser Sem Terra do MST”. Como conclui Caldart (2004, p. 211), “[...] o MST sabe da importância dessa dimensão e por isso tornou-a uma prática intencional nas suas atividades de formação”.

Em suma, no que diz respeito à relação destas outras dimensões da mística com o seu discurso multimodal, entendo que estas se inter-relacionam num movimento dialético compondo redes de práticas sociais que atuam na mística realizada no e pelo MST.

Passemos agora para a análise de discurso propriamente dita, buscando primeiramente especificar que elementos se articulam na ordem de discurso que estou denominando aqui de *ordem do discurso camponês*. Num segundo momento, analiso como o discurso multimodal da mística trabalha estes elementos e, por fim, focalizarei a relação dos elementos linguísticos com os componentes semióticos na constituição das identidades dos/as Sem Terra.

A análise foi realizada com base na minha modificação do enquadre de Chouliaraki e Fairclough (1999) para a ADC. Portanto, inicio analisando como o discurso multimodal do MST figura como “modos de ser” (significado identificacional) construindo “estilos” [“Sem Terra” no MST (lutador) e sem-terra na mídia (“invasor”), por exemplo]. Pois, os “estilos constituem o aspecto discursivo de

identidades, ou seja, relacionam-se a identificação de atores sociais em textos” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 76). Dessa forma, focalizo o significado identificacional com ênfase nas escolhas lexicais presentes no discurso da mística do MST.

A mística começa retratando uma típica cena da violência no campo. Dois pistoleiros chegam na terra que está sendo ocupada por Sem Terras do MST e começam a atirar em todos/as. Três Sem Terras são mortos (Ver anexo II - cena 1). Em seguida duas Sem Terras aparecem cobrindo os corpos com lonas vermelhas, como se já estivessem preparando o funeral dos/as trabalhadores/as rurais sem terra mortos (cenas 2 e 3). Todo esse ritual acontece com um “fundo musical” (“Esta cova que estais/junto à luz do dia/é a conta menor que tiraste em vida/é de bom tamanho/nem largo nem fundo/é a parte que te cabe deste latifúndio/não, não é cova grande...” – Música: “Morte e vida Severina” – Chico Buarque de Holanda).

Em seguida, vemos duas Sem Terras hasteando as bandeiras do MST e do Brasil (uma ao lado da outra) e, como “fundo musical”, o Hino do MST cantado e ritualizado por todos/as que participavam da mística (cenas 4 e 5). O encerramento se dá com os/as Sem Terras gesticulando os braços com o punho erguido, proferindo “palavras de ordem”, lembrando lutadores/as que tombaram na luta pela terra e pela transformação social (cenas 6 a 8).

No que se refere ao significado identificacional, proponho destacar no trecho do Hino ritualizado pelos/as Sem Terra (Ver anexo II) os grupos nominais “braço erguido”, “bandeira colorida” e “trabalhadores” que “textualizam” a identidade do que é ser Sem Terra no MST. Pois, trabalhadores (Sem Terra) de braços erguidos estão (nesta mística) ritualizando o Hino do MST e a bandeira colorida (bandeira do MST) é um dos elementos constitutivos da identidade dos/as trabalhadores/as rurais deste movimento social. Nesse sentido, “o hino é mais do que uma música, é um símbolo que, articulado à bandeira, ao boné, a camiseta [...] dos trabalhadores em marcha, contribui para formar a identidade do militante do MST nos aspectos sociais e políticos” (MAIA, 2008, p. 40).

No que diz respeito à (inter)ação dos aspectos linguístico-discursivos com o texto imagético na construção identitária dos/as Sem Terra do MST, percebemos que em termos de significado representacional, todas as cenas apresentam vetores (traços que indicam direcionalidade), indicando ações em andamento. Logo, de acordo com a Gramática do Design Visual (GDV), de Kress e van Leeuwen (1996), temos estruturas narrativas. Na cena 1, por exemplo, observamos que o vetor emana das armas dos dois “Atores” que estão apontadas para os/as Sem Terras “mortos” (“Metas”), configurando uma estrutura narrativa, transacional, unidirecional.

No tocante ao significado interativo, observamos a partir da cena 2 que a categoria mais saliente é a “modalidade”, pois o grau de realidade da imagem se configura como sensorial na medida em que a cor vermelha se relaciona com a bandeira do MST (em segundo plano), construindo uma afetividade entre os/as participantes. Por fim, na cena 5, que representa o hasteamento das bandeiras do MST e do Brasil por duas Sem Terras, observamos em termos do “valor de informação”, que o lado esquerdo se caracteriza como uma informação “dada” (a morte dos/as Sem Terra), a representação da violência no campo. Já do lado direito, vemos uma informação “nova” (mulheres Sem Terra hasteando as bandeiras do

MST e do Brasil). E ainda, na parte superior, temos uma informação “ideal” contida nas bandeiras hasteadas, que pode significar a luta dos/as sem terra pela reforma agrária no Brasil. Por fim, na parte inferior tem-se uma informação “real” (trabalhadores/as rurais sem terra mortos).

7 REFLEXÃO SOBRE A ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, como qualquer outra forma de prática social, foi desenvolvida a partir de uma escolha, feita por meio da nossa posição enquanto linguistas críticos que se identificam com as lutas sociais e, conseqüentemente, com os Movimentos sociais, dentre eles, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil. Nesse sentido, conclui que o discurso multimodal da mística do MST é composto por elementos discursivos (escolhas lexicais dos/as Sem Terra) e imagéticos (textos multimodais) que se imbricam dialeticamente numa relação de interiorização/articulação na prática social da mística cultivada pelo MST.

Além disso, percebi também que o MST, através deste discurso multimodal, tenta construir um “estilo” de Sem Terra, tal “estilo” se dá numa relação conflituosa com a identidade hegemônica dos Sem Terras inculcada na maioria dos brasileiros/as. Nesse sentido, acredito que a mística funciona no MST de duas formas: a) como uma forma de estabelecer e manter uma outra identidade hegemônica dos/as Sem Terra - a identidade do Sem Terra lutador, que se indigna contra a violência no campo, reacendendo a chama da luta pela terra e pela transformação social - e b) como uma forma de resistência.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Marco Antonio. *Queres saber como fazer identidades com palavras? Uma análise em Pragmática cultural da construção performativa do Sem Terra assentado no MST-CE*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/PosLA. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, Décio. *Charges eletrônicas das eleições de 2006*. Uma análise de discurso crítica. Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado em Linguística), 2007.

DE CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coord.trad.; revisão e prefácio à ed. brasileira de Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Analysing discourse. Textual analysis for social research*. Londres/Nova York: Routledge, 2003.

JORNAL BRASIL DE FATO. Ano 5 nº 248. Edição Especial – Transnacionais. Dezembro de 2007.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London, New York: Routledge, 1996.

LIMA, Maria. *Discurso e identidade de Gênero no contexto da escola*. Universidade de Brasília, Tese (Doutorado), 2007.

MAGALHÃES, Izabel. *Eu e tu. A constituição do sujeito no discurso médico*. Brasília Thesaurus, 2000.

_____. Teoria crítica do discurso e texto. *Linguagem em (Dis)curso*, 4: Especial, 2004. Disponível em [HTTP://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/05.htm](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/05.htm).

_____. Análise do discurso publicitário. *Revista da ABRALIN*, 4 (1 e 2), 2005, p. 231-260.

MAIA, Lucíola. *Mística, educação e resistência no Movimento dos Sem-Terra - MST*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). São Paulo. s/d. DVD.

_____. Secretaria Nacional. A mística, razão da persistência. In: *O MST: a luta pela reforma agrária e por mudanças sociais no Brasil*. São Paulo, 2005.

_____. Setor de Educação. Pra soletrar a liberdade nº 01. São Paulo, 2007.

_____. Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ano XXVI - nº 281 – Abril de 2008.

OUVERNEY, Jamile. A mulher retratada em comerciais de cerveja: venda de mulheres ou de bebidas? In: ALMEIDA, D.(org.). *Perspectivas em análise visual do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

PINHEIRO, Viviane. *Analisando significados de capas da Revista Raça Brasil: Um estudo de caso à luz da semiótica social*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. (dissertação de mestrado).

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROMÃO, Lucília. As raízes da luta pela terra. In: *Revista discutindo Geografia*. Ano1, nº 6. Escala educacional, 2006.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo. *Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo. Editora Perseu Abramo, 1999.

VAN LEEUWEN, Theo. Three models of interdisciplinarity. In: WODAK, R; CHILTON, P. *A new agenda in (critical) discourse analysis*. Theory, methodology and interdisciplinarity. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2005.

Site pesquisado:

www.wikipedia.org/wiki/Escola_Nacional_Florestan_Fernandes acesso em 05 de fevereiro de 2018.

ANEXOS

ANEXO I: Hino do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Letra: Ademar Bogo

Música: Willy C. de Oliveira

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Braços Erguidos ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Refrão

Nossa Força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

Refrão

Fonte: (MORISSAWA, 2001)

ANEXO II - Cenas: Mística – MST

Cena 1



Cena 2



Cena 3



Cena 4



Cena 5



Cena 6



Cena 7



Cena 8

